

Sumário

Apresentação	7
<i>Waldeck Barreto D'Almeida</i>	
Introdução	11
<i>Heloisa Junqueira Fleury</i>	
Parte I	
1. Neuroplasticidade e mudança terapêutica.....	21
<i>Galabina Tarashoeva e Petra Marinova</i>	
2. Neurônios-espelho e o espaço intersubjetivo	31
<i>Edward Hug</i>	
3. O conceito de eu em Moreno e a teoria emergentista do eu (núcleo do eu) de Rojas-Bermúdez.....	49
<i>Isabel Rosana Borges Barbosa, Georges Salim Khouri, Maria Lucia Machado e Rosana Maria de Sousa Rebouças</i>	
4. Imagem psicodramática e a técnica de construção de imagens ...	77
<i>Georges Salim Khouri e Maria Lucia Machado</i>	

Parte II

5. Uso da técnica de construção de imagens na clínica psicodramática 107
Maria Lucia Machado
6. Construção de imagens com tecidos (CIT) em psicoterapia psicodramática bipessoal e nas organizações 129
Georges Salim Khouri
7. Os objetos intermediário e intra-intermediário na psicoterapia psicodramática infantil em um caso de transtorno global do desenvolvimento 163
Rosana Maria de Sousa Rebouças
8. Construção de imagens em um grupo com pacientes psicóticas.. 189
Isabel Rosana Borges Barbosa

Parte III

9. O psicodrama transformador na mudança terapêutica: diretrizes e recomendações 211
Edward Hug e Heloisa Junqueira Fleury

Apresentação

Waldeck Barreto D'Almeida

Foi com satisfação que recebi o convite feito por Rosana Rebouças, representando o “grupo baiano” (Georges Salim Khouri, Maria Lucia Machado, Isabel Rosana Borges Barbosa e a própria Rosana Maria de Sousa Rebouças), para fazer a apresentação deste livro.

Já por ocasião do 16º Congresso Internacional de Psicoterapia de Grupo do IAGP – International Association for Group Psychotherapy and Group Processes, realizado em São Paulo em 2006, Heloisa Fleury me convidara para participar da Mesa Redonda sob o título “Neuroplasticidade e mudança terapêutica”, juntamente com Edward Hug e Galabina Tarashoeva, dentre outros. Porém, compromissos previamente assumidos e inadiáveis não me deixaram tempo disponível para participar.

Meu interesse em torno do tema vem desde a época em que me chamavam a atenção os fenômenos psicossomáticos – conhecidas como doenças psicossomáticas. Como se dava o “salto” do psíquico para o somático?

Nessa época, o pensamento predominante fundamentava-se no paralelismo psicofísico que sustentava os argumentos psicanalíticos vigentes. Ou seja, mente e cérebro eram duas coisas diferentes. Dentre os psicanalistas, constituiu-se em grande avanço a idéia da Escola de Chicago, liderada por Franz Alexander, que defendia a intermediação do sistema nervoso na passagem do psíquico para o somático e considerava a “mente” como a percepção subjetiva de fenômenos fisiológicos.

J. G. Rojas-Bermúdez, no final da década de 1970, em seu artigo sobre o núcleo do eu, já considerava o psiquismo “uma expressão da matéria viva quando alcança um certo grau de organização”; e a sensação de existir, a primeira manifestação do psiquismo a que ele denominou de “si-mesmo fisiológico”. Gradativamente tornou-se mais clara e definida a posição do autor, assemelhada ao monismo emergentista psiconeural.

De maneira resumida, essa posição filosófica defende que o psiquismo é uma propriedade sistêmica do sistema nervoso central, que apareceu em determinado momento ao longo de um prolongado processo evolutivo biológico.

Com essa ferramenta conceitual, torna-se mais viável abordar o homem concreto que encontramos no dia-a-dia clínico. Dessa forma, temos uma melhor compreensão de como funciona uma dramatização, qual a estrutura do vivenciado pelo indivíduo, como nos aproximarmos menos mítico-metapsicologicamente e mais existencialmente dele, e como contribuir para o processo de transformação.

Os textos presentes neste livro de certa forma giram em torno desta concepção filosófica, e contribuirão para uma compreensão concreta do processo do insight, de como conduzir o processo para assumir o papel do outro e, finalmente, de como utilizar as experiências das cinco etapas da Matriz de Identidade.

O universo das técnicas psicodramáticas elenca técnicas descritivas, complementares, interativas, temporais, corporais, fan-

tásticas, sintetizadoras, interpretativas e dramáticas, entre outras. Aqui, discute-se particularmente a técnica de construção de imagem, que consideramos sintetizadora uma vez que estimula o protagonista a sintetizar o vivenciado em uma forma estática. Além disso, são apresentadas as concepções dos objeto intermediário e objeto intra-intermediário, que favorecem a aproximação com o outro em situação de sofrimento psíquico – ambos também elaborados por J. G. Rojas-Bermúdez.

Conheço pessoalmente o “grupo baiano” de longa data, desde o tempo em que começaram a se interessar pelo estudo do psicodrama. Sempre inquietos, curiosos e dotados de espírito investigativo, são os responsáveis pelos textos sobre a técnica de construção de imagem. Hoje, sinto-me agraciado por ter feito parte de seu processo de busca.

Certamente este livro contribuirá para, no mínimo, provocar perguntas, a partir das quais novas respostas serão dadas, que nos levarão a novas perguntas, e assim, num crescendo, levando à construção do edifício conceitual psicodramático como ferramenta de sustentação de nossa prática.

Salvador, janeiro de 2008

Waldeck Barreto D’Almeida é psiquiatra, psicodramatista pela Associação Argentina de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo, terapeuta de aluno dos cursos de formação da Associação Bahiana de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo (Asbap), registrado na Federação Brasileira de Psicodrama (Febrap), professor de Psicologia Médica e Psicopatologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e preceptor da residência em Psiquiatria dessa mesma instituição.

Introdução

Heloisa Junqueira Fleury

Desde o início da década de 1990, a neurociência vem levantando dados importantes sobre a efetividade da psicoterapia. Pode influenciar na estrutura e no funcionamento cerebral, por meio da alteração da plasticidade neuronal e da expressão gênica (Kandel, 1999).

Quando ficou comprovado que a psicoterapia é eficaz e produz mudanças de longa duração no comportamento, a medicina e a psicologia – principalmente a psicanálise – estreitaram relações, abrindo novas perspectivas para a compreensão dos mecanismos psicoterapêuticos e para a avaliação da prática clínica.

Uma equipe de psicanalistas americanos (Stern *et al.*, 1998) constituiu um grupo para estudar os resultados buscados pelo processo psicoterapêutico – que chamaram de mudanças terapêuticas. Partiram do pressuposto de que algo mais que a interpretação seria necessário para promover essas mudanças no paciente. Concluíram que o algo mais transformador está no processo interativo subjetivo, o qual atua no conhecimento relacional implícito.

Essa dimensão implícita dos processos de memória e aprendizagem, relativa a padrões relacionais, geralmente inconscientes, foi diferenciada pela neurociência da dimensão explícita ou declarativa, que se refere à recuperação de fatos. Esses conceitos são mais bem detalhados no capítulo 1 deste livro.

Ainda no começo do século XX, Moreno foi pioneiro ao valorizar o tempo presente e a experiência vivencial. Propôs uma base filosófica para orientar a postura do psicodramatista em sua prática metodológica, valorizando a categoria do momento. Destacou, ainda em 1931, “a posição crucial que o conceito do momento tem em minha teoria da personalidade. Tudo na vida é existencial no ‘aqui e agora’, *hic et nunc*. Meu objetivo é a psicologia do momento, do homem em ação, momento não como parte da História, mas história como parte do momento, *sub species momenti*” (Moreno, 1993, p. 8).

Preconizou uma atitude autêntica de ambas as partes, que nomeou de “amor terapêutico” (Moreno, 1993, p. 22). Caracterizou uma relação em que terapeuta e paciente são convidados a explicitarem suas percepções e experiências internas – ainda nos dias atuais, a abertura do terapeuta sobre suas próprias questões emocionais permanece um tema polêmico. Porém, sobressai nessa afirmação a valorização da autenticidade própria da categoria do momento, que, segundo ele, trouxe uma importante revisão e direção para o psicodrama.

Stern (2007) recomendou uma sintonia vitalizada terapeuta-paciente (afetiva não-verbal), caracterizada pela ressonância entre os estados afetivos de ambos, envolvendo estados mentais e estados afetivo-corporais. Nomeou de presentidade essa condição no relacionamento terapêutico, entendida como o momento presente da experiência subjetiva, o que valorizou o potencial transformador da experiência vivenciada e confirmou a incorporação às psicoterapias dessa diretriz básica do psicodrama.

Constatamos assim a confirmação pela ciência atual de um dos pressupostos básicos do psicodrama. Haveria outras aproxi-

mações? Aplicam-se os conhecimentos atuais da neurociência ao arsenal teórico-prático do psicodramatista contemporâneo? Essas indagações, parcialmente respondidas neste livro, começaram a ser construídas em 2006, quando ocorreu no Brasil o 16^o Congresso Internacional de Psicoterapia de Grupo, promovido pela Febrap – Federação Brasileira de Psicodrama e pela IAGP – International Association for Group Psychotherapy and Group Processes. Nessa ocasião, na função de Co-chair do Comitê do Programa Científico do Congresso, conheci vários colegas do exterior interessados nessa área de estudo.

Por indicação de Adam Blatner, entrei em contato com o norte-americano Edward Hug para a organização do painel “Neuroplasticidade e mudança terapêutica”. O objetivo era discutir os fundamentos teóricos e práticos do psicodrama, assim como as contribuições mais atuais de seus seguidores, para identificação dos mecanismos terapêuticos de um psicodrama transformador.

A descoberta dos neurônios-espelho (assunto discutido detalhadamente no capítulo 2) era a grande novidade. As evidências de pesquisa confirmavam bases científicas para o fenômeno da empatia e muito provavelmente do fator tele, podendo trazer novas referências à dimensão relacional do psicodrama.

Hoje radicado na Espanha, o colombiano Jaime Guillermo Rojas-Bermúdez, que cursou Medicina e viveu por vários anos em Buenos Aires, teve participação muito importante no desenvolvimento do psicodrama no Brasil. Rojas-Bermúdez (1997) foi pioneiro na atenção aos aspectos neuropsicológicos da metodologia psicodramática, fundamentando sua teoria e propostas metodológicas na necessária interligação entre estruturas cerebrais. Contribuiu com a idéia da imagem psicodramática e a técnica de construção de imagens como um potente recurso nos processos humanos de mudanças. Elaborou a teoria emergentista da personalidade, ou a teoria do núcleo do eu, apresentada aqui no capítulo 3. Nas discussões dos casos clínicos apresentados na

parte II deste livro, essa teoria e sua aplicabilidade metodológica estão mais bem detalhadas.

No capítulo 4, o conceito de imagem, referido inicialmente por Moreno, é retomado. Apresenta um estudo comparativo da dramatização e da técnica de construção de imagens, fazendo uma articulação entre elas, numa interessante apresentação de um dos diferenciais das contribuições teórico-metodológicas de Rojas-Bermúdez. Também o manejo das técnicas psicodramáticas é detalhado em uma instigante discussão da complementariedade entre a dramatização e a construção de imagens.

Waldeck Barreto D’Almeida, médico psicodramatista, introduziu o pensamento de Rojas-Bermúdez no Brasil – formou-se em Buenos Aires, onde foi aluno e paciente do médico colombiano. Retornou à Salvador e fundou a Asbap – Associação Bahiana de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo, que hoje tem núcleos em Pernambuco e Alagoas. Waldeck havia sido o mentor da mesa redonda “Neurociência e psicodrama”, em 2002, no 13º Congresso Brasileiro de Psicodrama, sinalizando o enriquecimento teórico que essa ciência traria ao psicodrama brasileiro. Naquela ocasião, identificamos alguns psicodramatistas que vinham estudando essa área, fortemente estimulados por Rojas-Bermúdez, que mantinha contato com o grupo da Bahia por meio de cursos especiais. Naturalmente, Waldeck foi também convidado para essa mesa redonda, escolhido não só por seu entusiasmo com as contribuições da neurociência, como por seu papel de liderança na divulgação dessa tendência do psicodrama atual.

Embora Edward Hug e Waldeck Barreto D’Almeida não tenham podido participar, o painel foi um sucesso e plantou as sementes deste livro, cuja proposta é basicamente didática: introduzir os psicodramatistas nessa nova área de estudo, apresentar a prática clínica dos colegas que utilizam esse referencial e apontar perspectivas futuras para o fortalecimento do psicodrama científico.

Logo depois, Georges Salim Khouri foi convidado para liderar a equipe de psicodramatistas da Bahia e planejar suas contribuições. Buscamos profissionais atuantes que pudessem apresentar protocolos contemporâneos de suas práticas clínicas fundamentadas no referencial proposto por Rojas-Bermúdez.

No capítulo final deste livro, levantamos aspectos do psicodrama contemporâneo e da neurociência capazes de transformar-se em eixo diretivo para uma interlocução criativa focada no psicodrama científico a ser co-construída no futuro, tendo como foco principal a mudança terapêutica. Finalizamos com algumas recomendações que esperamos possam constituir o primeiro passo para um diálogo com outras tendências do psicodrama contemporâneo.

Moreno criou o psicodrama há aproximadamente oitenta anos. Desde então, vêm ocorrendo importantes descobertas científicas, muitas delas aplicáveis ao psicodrama. Com isso, os pressupostos teóricos morenianos foram ampliados por seus seguidores, que detalharam e estenderam a compreensão dos mecanismos subjacentes às suas intervenções.

Ao longo do percurso de organização do livro, identificamos que esta obra, ao tomar como referência o científico, atendia a um paradigma inclusivo, transcultural. Dessa forma, couberam diferentes nacionalidades, culturas e teorias. Reconhecemos na comunidade psicodramática, representada no Brasil pela Febrap, um interesse crescente pelo aprimoramento científico do psicodrama, o que é confirmado pelo Artigo 2º do Estatuto da instituição.¹

Aqui, dá-se visibilidade às aproximações com a neurociência, trazendo evidências científicas relevantes às diferentes ten-

1. **Art. 2º** – A Febrap tem por finalidade a união das entidades brasileiras de Psicodrama que adotam como base comum a filosofia, a teoria e práticas propostas por J. L. Moreno, sem excluir as contribuições e o enriquecimento decorrente de novos estudos e pesquisas e a sua aplicação nos diversos campos do conhecimento humano.

dências atuais. Considerando que várias gerações criaram e vêm mantendo uma instituição agregadora – a Febrap – para favorecer a fecundidade criadora do psicodrama brasileiro, o grande desafio deste livro é estimular novas possibilidades de diálogo.

O projeto do livro

A obra foi dividida em três partes. A primeira apresenta os fundamentos teóricos da neurociência e do psicodrama. Inicia-se com Galabina Tarashoeva e Petra Marinova, da Bulgária, que trazem conceitos básicos a fim de explicar a neuroplasticidade cerebral e algumas evidências desses estudos para a compreensão dos transtornos psiquiátricos, introduzindo determinados pontos de convergência com o psicodrama. Em seguida, Edward Hug apresenta os neurônios-espelho, que têm revolucionado os estudos sobre empatia e intersubjetividade.

A equipe da Bahia articula o conceito do eu em Moreno com a teoria do núcleo do eu de Rojas-Bermúdez. Concluem essa parte teórica inicial do livro discutindo mecanismos de ação do psicodrama numa perspectiva neuropsicológica. Apresentando as três etapas do processo psicodramático, descrevem e fundamentam a aplicação de duas possibilidades para a segunda delas: a dramatização propriamente dita (método clássico descrito por JL Moreno) e a técnica de construção de imagens (criada e desenvolvida por Rojas-Bermúdez).

Estes mesmos autores, na parte II, enriquecem a obra com relatos de aplicação desses referenciais, representados pela técnica de construção de imagens, em diferentes áreas de atuação. Maria Lucia Machado inicia apresentando o uso da construção de imagem tridimensional, ilustrado com um caso clínico. Em seguida, Georges Salim Khouri destaca a plasticidade e as possibilidades da técnica de construção de imagens com tecidos, em vá-

rios atendimentos clínicos bipessoais e empresariais. Na sequência, Rosana Maria de Sousa Rebouças apresenta o conceito de desenvolvimento infantil segundo Moreno e Rojas-Bermúdez, e a aplicabilidade do uso do objeto intermediário e intra-intermediário na psicoterapia psicodramática infantil em um caso de Transtorno Global do Desenvolvimento. Segue-se Isabel Rosana Borges Barbosa, que exemplifica não só a construção de imagens em grupo de mulheres psicóticas, como também sua espontaneidade e criatividade adaptando-se às circunstâncias de seu trabalho.

Edward Hug e Heloisa J. Fleury terminam discutindo o psicodrama transformador, levantando diretrizes e recomendações para uma atuação psicoterapêutica mais científica e eficaz.

Referências bibliográficas

- KANDEL, E. R. "Biology and the future of psychoanalysis: a new intellectual framework for psychiatry revisited". *American Journal of Psychiatry*, v. 156, n. 4, p. 505-24, 1999.
- MORENO, Jacob L. *Psicoterapia de grupo e psicodrama*. 2. ed. rev. Campinas: Editorial Psy, 1993.
- ROJAS-BERMÚDEZ, Jaime. *Teoría y técnica psicodramaticas*. Buenos Aires: Paidós, 1997.
- STERN, Daniel N. *O momento presente na psicoterapia e na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- STERN, Daniel N. *et al.* "Non-interpretive mechanisms in psychoanalytic therapy: the 'something more' than interpretation". *International Journal of Psycho-Analysis*, v. 79, p. 903-21, 1998.

PARTE I

1

Neuroplasticidade e mudança terapêutica

*Galabina Tarashoeva
Petra Marinova*

A estrutura do neurônio – formada por corpo, axônios e dendritos – é conhecida há mais de cem anos. Os neurônios formam o cérebro conectando-se entre si por meio das sinapses. Por muito tempo considerou-se que essa estrutura era fixa e não sofria mudanças depois que a criança acabava de crescer. Hoje, porém, sabemos que o cérebro muda diariamente, a cada memória nele armazenada. Isso acontece por um processo conhecido como neuroplasticidade, que inclui uma remodelação dos dendritos, a formação de novas sinapses, a proliferação de axônios e, conforme pesquisas mais recentes, a neurogênese – o processo de nascimento de novos neurônios. No cérebro do mamífero adulto, tem sido observado de forma distinguível em apenas duas regiões, o bulbo olfativo (que não foi relacionado com nenhuma função psíquica até o momento) e o hipocampo, especialmente o giro dentado. Com base em uma grande quantidade de estudos em modelos animais, tem-se verificado que a neurogênese é estimulada por um ambiente rico e por exercício físico, e suprimida por estresse, trauma e doença (Gage *et al.*, 2004).